

Esquecido ou pouco amado? Por que o ensino superior da América Latina merece mais atenção dos filantropos

Setembro de 2021

É inegável que o conhecimento gerado pelas universidades beneficia a todos - em nível de estado-nação e globalmente. Esse é o principal motivo pelo qual tantos filantropos, além de fundações e outras instituições filantrópicas, optarem preferencialmente por financiar este tipo de instituições ao redor de todo o mundo.

Muitos países ainda lutam para responder ao terrível impacto da recente pandemia de Covid-19 e, talvez por isso, ainda não tenham se conscientizado do panorama e problemas enfrentados em outras regiões. A crise causada pelo coronavírus teve um impacto particularmente devastador, especialmente, no desenvolvimento do ensino superior na América Latina.

Enquanto o PIB global caiu 3 por cento em 2020, a contração acentuada de 7 por cento da América Latina foi uma das mais devastadoras no mundo. As universidades latino-americanas, provavelmente, sentirão o impacto dessa dor econômica ao longo dos próximos anos. Porém, a lógica sugere que os EUA, e a filantropia global de um modo geral, farão intervenções para evitar um desastre a longo prazo. Entretanto, os dados mais recentes apontam algo bem diferente disso.

O relatório Global Philanthropy Tracker 2020 da Universidade de Indiana concluiu que a filantropia internacional ultrapassou a maciça quantia de US\$ 834 bilhões no último ano. A Gates Foundation, por exemplo, representa, de

forma ilustrativa, como a América Latina e o Caribe são esquecidos em comparação ao resto do mundo. Entre 2010 e 2019, as doações globais da Gates Foundation chegaram a US\$ 67 bilhões.



Bill Gates

Fotografia: Kuhlmann/MSC

Desse total, US\$ 11,7 bilhões foram distribuídos para universidades em 66 países ao redor do globo. Porém, o financiamento direto para a América Latina é, praticamente, irrelevante em relação ao todo. As universidades da região receberam apenas US\$ 24 milhões nesses quase dez anos; desse total, as universidades brasileiras foram beneficiadas com menos de US\$ 5 milhões.



Universidade Federal De Viçosa

Fotografia: Marco Tulió de Miranda

O padrão não se limita a instituição filantrópica de Bill e Melinda Gates. Outras fundações também trabalham com orçamentos limitados para a região latino-americana. Isso levanta o seguinte questionamento: “por que as grandes instituições filantrópicas dos EUA, e ao redor de todo o mundo, são tão ambivalentes no apoio à filantropia na América Latina, especialmente no ensino superior?”

Em termos simples, a resposta pode envolver o fato de que as universidades na América Latina são, frequentemente, limitadas por agendas de pesquisa que tendem a ser mais regionais do que globais. Por exemplo, o Brasil gasta cerca de US\$ 1 bilhão por ano em pesquisas agrícolas – o que reflete claramente a importância da agricultura para sua economia.

Um argumento mais persuasivo pode apontar questões relacionadas a visibilidade, cultura de arrecadação de fundos e infraestrutura. O acesso restrito a financiadores e oportunidades limitadas de colaboração, agravadas por uma barreira de idioma, podem contribuir para que a América Latina perca o boom da filantropia global que deve acontecer na próxima década.

Logicamente, as universidades da América Latina devem estar preparadas para aproveitar as vantagens do aumento nas doações globais, uma vez que grande parte da riqueza filantrópica reside nos Estados Unidos que possui laços sociais, comerciais e econômicos profundos com a América Latina.

Porém, é necessário também uma mudança de mentalidade entre algumas das grandes instituições de filantropia americanas. O processo de onde devem investir seu capital internacionalmente e como devem identificar as instituições mais necessitadas – e com maior potencial – precisa ser revisto.

A verdade incômoda é que a filantropia institucional dos Estados Unidos reforçou por muito tempo uma tendência anglo-saxônica ou da Europa Ocidental que não está em sintonia com a América moderna, onde quase 20 por cento de sua população é hispânica. Os veículos históricos de soft power dos EUA – suas fundações filantrópicas – podem, e devem, dar uma contribuição muito maior no apoio às instituições do setor de educação superior da América Latina, principalmente no contexto atual.